

## DESLOCAMENTOS E (DES) ENCONTROS INTERCULTURAIS NA NARRATIVA DE ANNA KAZUMI STAHL

Ana Cristina dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** O trabalho apoia-se nos pressupostos teóricos de Marc Augé (2007), Fernando de Toro (2010) e Nestor García Canclini (2009) para as noções de espaço e deslocamento, bem como nas teorias de relações de gênero de Ella Shohat (2004), e identidade, de Stuart Hall (2005), para mostrar a experiência dos sujeitos em trânsito na contemporaneidade, principalmente nas obras produzidas por escritoras desenraizadas, como a estadunidense Anna Kazumi Stahl, que vive em Buenos Aires e publica em espanhol. A análise se centra nos contos presentes na primeira parte da obra *Catástrofes naturales* (1997) que problematizam a estrangeiridade da personagem feminina diaspórica japonesa nos Estados Unidos e as diferenças socioculturais entre o sujeito feminino ocidental e o oriental, ressaltando a incompreensão marcada pela não identificação dessas diferenças em um contexto multicultural e multiétnico. Desse modo, verifica-se em seus contos personagens que transitam entre culturas e cujas identidades são oriundas dos deslocamentos e dos (des) encontros interculturais que situam o sujeito feminino migrante em um lugar duplo, híbrido e não unitário.

**Palavras-chave:** Literatura Argentina, autoria feminina contemporânea, deslocamento.

## DISPLACEMENT AND INTERCULTURAL (DIS)ENCOUNTERS IN THE NARRATIVE OF ANNA KAZUMI STAHL

**ABSTRACT:** This work is based on the theoretical assumptions of Marc Augé (2007), Fernando de Toro (2010), and Néstor García Canclini (2009) regarding the notions of space and displacement, as well as on Ella Shohat's (2004) theories of gender relations and Stuart Hall's (2005) theories of identity to show the experience of the contemporary subjects in transit, especially in the works of rootless writers as the American Anna Kazumi Stahl, who lives in Buenos Aires and publishes in Spanish. The analysis is centered on the short stories presented in her work *Catástrofes naturales* (1997), which problematizes the foreignness of the diasporic Japanese female character in the United States and the sociocultural differences between the western and the eastern female subjects highlighting the incomprehension characterized by the non-identification of these differences in a multicultural and multiethnic context. Thus, it can be seen in her short stories characters that transit between cultures and whose identities derive from the intercultural displacements and (dis)encounters that locate the migrant female subject in a double, hybrid, and non-unitary place.

**Keywords:** Argentine literature, contemporary female authorship, displacement.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras Neolatinas (UFRJ, 2002). É professora Associada do Mestrado e Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada e do Departamento de Letras Neolatinas (Português/Espanhol) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil. anacrissuerj@gmail.com

*Por eso la vida de las mujeres que aquí tomo como ejemplos me parecieron transmitir la problemática más frecuente -y por eso también más merecedora de exploración y reflexión - que es la del encuentro entre las culturas como encrucijada o dilema (STAHL, 2006, p. 78).*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde as últimas décadas do século XX, os deslocamentos espaciais, individuais ou coletivos, são temas que se acentuaram na literatura latino-americana, principalmente os deslocamentos do eixo Sul-Norte, ou seja, de países latino-americanos para os Estados Unidos ou países da Europa. Entretanto, se a migração dos anos 60 do século passado foi impulsionada pelas ditaduras nos vários países da região ou pela possibilidade de uma vida melhor nos países do eixo Norte (principalmente nos Estados Unidos), nas primeiras décadas do século XXI, as motivações para deixar o país de origem são as mais variadas possíveis: estudo, turismo, imposições de trabalho ou apenas o desejo de mudança. Contribui também para essas motivações a facilidade e a rapidez de locomoção a um custo menor ou até mesmo a possibilidade de não locomoção, mas de conexão, por meio da tecnologia. Tais perspectivas contribuem para que se crie a ideia de um “planeta nômade” (CANCLINI, 2009), onde tudo e todos estão em constante movimento. Desse modo, os deslocamentos, mais do que as identidades locais, tornaram-se objetos de pesquisa para os estudos latino-americanos.

As consequências desses deslocamentos abrangem os mais diversos campos do saber, porém, na literatura, convergem para a problematização das relações de pertencimento único que desestabilizam os conceitos já preconcebidos de nação, identidade, cultura e linguagem. Tal desestabilização ocorre porque, segundo Fernando de Toro (2010), se as consequências dos deslocamentos produzidos no século XIX ou no início do século XX acabavam por anular a cultura proveniente do migrante, fazendo-o necessariamente assimilar a cultura do país de destino, “apagando” a sua cultura, o mesmo já não acontece nos deslocamentos produzidos ao longo da segunda metade do século XX e no século XXI. O propósito não é mais preservar a identidade nacional que não poderia ser maculada com a presença da diferença, em que a “outridade” deveria ser assimilada, negando ao diferido tanto sua cultura quanto sua língua, que deveriam se adaptar aos padrões da cultura dominante local. Com isso, prevalecia a ideia da identidade com uma raiz única que visava homogeneizar em um mesmo espaço territorial toda sua população, agrupando-a sob as mesmas formas linguísticas, religiosas e culturais. O objetivo dessa prática era a de

territorializar o Outro e manter uma única língua e cultura para a identidade nacional, enfim, criar uma ideologia de homogeneidade.

Porém, nos dias de hoje, que Maria Luisa Femenías (2013) caracteriza como os das sociedades pós (que incluem a modernidade tardia, a pós-modernidade e a globalização), a errância parece ter se convertido na nova condição da humanidade, marcada pelos movimentos globais em massa e pela mobilidade virtual. Os deslocamentos interseccionam o global e o local e contribuem para uma produção cultural simultânea, desestabilizadora do conceito de nação pelo contato constante com as demais culturas que convivem no mesmo território. O migrante não precisa mais assimilar a cultura do Outro, e mantém a sua própria cultura, fusionando-a com a cultura local. Assim, o movimento de desterritorialização é seguido pelo de reterritorialização<sup>2</sup>, em que não há mais a supremacia da cultura local sobre a do migrante.

Dessa forma, estar no mundo, hoje, é conviver com deslocamentos, movimentos migratórios, diásporas, exílios e todas as suas implicações. Segundo Manuel Castells (2002), a sociedade atual é pensada em termos de territorializações e reterritorializações, mobilidade urbana, de não lugares intercambiáveis, de cidades globais, que privilegiam o que se move, se desloca e flui. Nesse contexto, as identificações estão abertas ao diverso que contém a relação de movimento, rejeitando a ideia de uma identidade de origem única. O Outro não se incorpora à nova cultura, mas ressignifica-a, criando uma terceira cultura.

Com isso, os deslocamentos contemporâneos na e da América Latina acarretam uma nova relação com as outras línguas e nações, que não permite pensar em uma única identidade nacional, principalmente quando “*varios países latinoamericanos, como Ecuador, México y Uruguay, con 15 al 20% de su población en el extranjero sugiere que ya ‘lo nacional’ no coincide con los territorios identificados con los nombres de esos países*” (CANCLINI, 2009, p. 3). Ao migrar, esses latino-americanos vinculam-se a outras línguas, paisagens culturais e memórias identitárias, criando mecanismos de identificação que não coincidem com os que já possuíam e, assim, estabelecem novas relações entre a cultura e a língua fora/longe do território em que são utilizadas. Essas relações suscitam algumas perguntas: A partir de que espaço cultural se pode ler os textos dos escritores migrantes? Se um chileno escreve em inglês em Nova York, como se classifica a sua literatura?

---

<sup>2</sup> A desterritorialização é o movimento de saída do território, um afastamento do local de origem, ocasionando a perda de controle das territorialidades pessoais ou coletivas. A reterritorialização é o movimento de construção do novo território, no qual o indivíduo inicia uma nova ocupação do território ocupado. Os conceitos de desterritorialização e reterritorialização são utilizados nesse artigo conforme as definições de Deleuze e Guattari (1995, p. 24).

Estadunidense, latino-americana ou chilena? As variadas respostas que podem ser dadas a essas perguntas acabam por ressignificar os conceitos de cultura, língua, identidade nacional e, por conseguinte, o próprio conceito de literatura nacional, tão veementemente defendido durante a criação das nações independentes da América Latina no século XIX.

Grande parte dos textos literários contemporâneos produzidos por escritores latino-americanos trata da representação dessas relações entre espaço e identidade. Muitos deles são produzidos por autores também desterritorializados, que migraram por diversos motivos para os Estados Unidos ou para a Europa. Suas narrativas seguem dois eixos básicos. O primeiro, a procura pelas raízes (latinas) de seu passado e, o segundo, o processo de criação de raízes no país de exílio, sem que para tanto tenha cortado as existentes com o seu país natal. As obras desses autores são propícias para mostrar a experiência dos sujeitos em trânsito na contemporaneidade. Suas errâncias entre duas ou mais culturas se refletem nas de seus personagens. A projeção da identidade gerada por esses deslocamentos permite, a partir do encontro com o outro, configurar seus personagens (e eles próprios) como aqueles que habitam um lugar duplo, híbrido, não unitário, em um constante processo de reconfiguração identitária, ou seja, (re)inventando-se constantemente, pois “na situação da diáspora, as identidades tornam-se múltiplas” (HALL, 2008, pp. 28-9).

Desse modo, muitos escritores contemporâneos da América Latina que foram atravessados pelos processos de desterritorialização e reterritorialização, como Paloma Vidal, Daniel Alarcón, Isabel Allende, Edmundo Paz Soldán, entre outros, centram suas histórias no processo de desterritorialização do eixo Sul-Norte. Seus personagens também estão em constante movência, desterritorializados, conscientes de que o pertencimento é algo temporário e a identidade um conceito em transformação e, portanto, negociável. São personagens que se caracterizam por uma busca constante a fim de se redefinirem, ou de (re)inventarem as suas próprias histórias.

Contudo, esse trabalho não focaliza a escritura migrante do eixo Sul-Norte, mas a que percorre o caminho inverso, o eixo Norte-Sul, percurso não tão comum na literatura latino-americana. Desse modo, centra-se especificamente na obra da escritora Anna Kazumi Stahl, que começa a publicar no final do século XX. A escritora é estadunidense, mas decide viver definitivamente em Buenos Aires, a partir de 1995. Em 1997, publica seu primeiro livro de contos *Catástrofes naturales*, que é parte do *corpus* desse trabalho, escrito em uma língua que não é a sua língua materna: o espanhol. Suas obras abordam a problemática de adaptação das mulheres migrantes, especificamente as japonesas que se casam com americanos e vão

viver nos Estados Unidos, e os dilemas de viver no entre-lugar das duas culturas: a ocidental e a oriental.

## AUTORES TRANSNACIONAIS

Anna Kazumi Stahl faz parte de um grupo de escritores considerados pela teórica Zilá Bernd (2010, pp. 16-17) como autores transnacionais. São autores que optaram por viver em países diferentes de onde nasceram e que escrevem suas obras em sua própria língua ou na do país em que vivem. Ainda segundo a teórica, esses autores recusam as definições identitárias fechadas e circunscritas a um só quadro de referências e, por tal motivo, aceitam o diferente, o heterogêneo. As narrativas produzidas por esses autores se diferem das produzidas pelos outros escritores desenraizados, principalmente dos escritores migrantes, na medida em que suas obras não possuem qualquer "manifestação de nostalgia em relação ao país de origem [...] sentem-se privilegiados pelo fato de serem nômades, de estarem em contato com outras culturas e diferentes línguas" (BERND, 2010, p. 17). Criam assim, uma subjetividade nômade que se posiciona pela renúncia e desconstrução de qualquer senso de identidade fixa, pois vão além das fronteiras nacionais para produzir novas formações identitárias.

Por tal motivo, analisar a obra desses autores é entender a fragmentação contemporânea dos conceitos de literatura nacional e identidade. De literatura nacional porque suas narrativas rechaçam uma classificação sob os critérios de pertencimento único tanto do território ou da língua de origem quanto das do destino. De identidade, porque o deslocar-se permite o encontro com o outro e, conseqüentemente, um constante processo de reconfiguração da subjetividade, já que: "Pelo movimento migratório, nos emancipamos de nossa origem e de nossa identidade primeira, numa espécie de translação de si ao outro" (BERND, 2010, p. 15). Classificar esses autores e suas obras é um processo não só complicado, como também irrelevante, uma vez que não há como classificá-los dentro de apenas um paradigma, pois convivem com duas ou mais línguas, territórios e culturas. Suas narrativas, tais quais eles próprios, habitam os entre-lugares provenientes dos espaços de movência, e viver nesses espaços é, segundo Porto e Torres (2005, p. 229), um "jogo de mão dupla, estabelecido pelos dois lados em contato, tornando evidente que nenhuma cultura pode absorver totalmente uma outra sem se furtar às transformações decorrentes de tal confronto". Viver nos entre-lugares dessas culturas permite a esses escritores se inscreverem em um

processo de pertencimento mais amplo, que implica a reconstrução das cartografias de identidade.

Nessa categoria de escritores transnacionais se encontra Anna Kazumi Stahl, autora de duas obras publicadas na Argentina: *Catástrofes naturales* (1997) e *Flores de un solo día* (2002). Muitos de seus contos são encontrados em diversas compilações que reúnem contos de autores hispano-americanos contemporâneos<sup>3</sup>, porém, a autora não é oriunda de nenhum país da América Hispânica. Como já dito anteriormente, Stahl nasceu nos Estados Unidos, no estado de Louisiana. É procedente de uma família multicultural: seu pai é norte-americano, de ascendência alemã e sua mãe é japonesa. Cresceu no também ambiente multicultural da cidade de Nova Orleans (considerada a cidade mais multicultural dos Estados Unidos). Somente em 1995, com 32 anos, decidiu mudar-se definitivamente para Buenos Aires, na Argentina, onde se estabeleceu como professora de literatura inglesa, tradutora de roteiros cinematográficos e colaboradora do jornal *El Clarín*.

Logo após sua chegada, começou a escrever e, em 1997, publicou sua primeira obra em espanhol rio-plantense, objeto desse estudo. Até o momento de nossa pesquisa, foi a única autora não hispânica a publicar seus textos originais em língua espanhola – sem possuir tampouco ascendência hispânica – e a percorrer o caminho inverso da migração feita no continente americano: escolhe sair dos Estados Unidos para viver em um país da América do Sul. Nas letras hispânicas, a autora representa a opção por uma "literatura globalizada", na qual escritores de diferentes etnias escolhem suas referências literárias e são reconhecidos por uma identidade multicultural, que os situam em uma cultura híbrida, necessariamente ambivalente (BERND, 2010). Em um texto publicado no livro *No somos perfectas* (2006), Stahl relata que sempre conviveu em um ambiente multicultural e nunca teve problemas com isso:

*Soy de ascendencia japonesa y alemana. nací y me crié en Norteamérica y, desde los 34, resido en Suramérica donde escribo ficciones, realizo traducciones y enseño letras. Aunque pareciera contrario, mi vida NO sirve como un buen ejemplo de las dificultades de pertenecer a más de un "mundo" cultural. Lo mío es la excepción: salvo por los años escolares en los que fui expuesta a episodios de racismo, no experimenté limitaciones por tener una ascendencia mixta, mitad occidental y mitad oriental. Más bien esta mezcla se presentaba con una dupla viable de códigos, que sigue*

---

3 Para citar somente três publicadas no Brasil, na Argentina e na Espanha: GUSMÁN, Luis (Org.). *Os Outros: narrativa argentina contemporânea*. São Paulo: Iluminarias, 2010; PONSOWY, Mori (Ed.); LAMBRE, Tomás (Coord.). *No somos perfectas*. Buenos Aires: Del Nuevo Extremo, 2006 e CHIRINOS, J.C. et al. (Eds). *Pequeñas resistencias/3: antología del nuevo cuento sudamericano*. Madrid: Páginas de Espuma, 2004.

*ofreciendo más de una interpretación, más de una manera de accionar.* (STAHL, 2006, p. 77). (Grifo da autora).

Em seus relatos, como consequência dessa experiência multicultural, aparecem personagens – geralmente femininas – em constante movência e possuidoras de identidades traduzidas. São personagens que se caracterizam pelo movimento de desterritorialização e reterritorialização, em uma procura constante para redefinirem ou (re) inventarem suas próprias subjetividades que, segundo Hall (2005, pp. 88-9), estão “irrevogavelmente traduzidas”, pois são:

[...] identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais [...] Elas [essas pessoas] são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nem nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). (Grifos do autor).

A escolha pelas personagens femininas desterritorializadas nas obras da autora não nos parece aleatória, pois, como nos assegura a crítica feminista de origem indiana Gayatri C. Spivak (1996 *apud* ALMEIDA, 2010, p. 13), um dos elementos diferenciadores dos deslocamentos anteriores para os contemporâneos nas cidades cosmopolitas é a ampliação da circulação de trabalhadores migrantes e, nesse quadro, a presença maciça do sujeito feminino, sua participação e seu papel na sociedade. Para a autora indiana, o papel da mulher como sujeito ativo é fundamental nos deslocamentos contemporâneos. Argumenta que não há como analisar a diáspora contemporânea sem compreender que a mulher se torna o foco de interesse das sociedades e é incorporada como parte integrante da sociedade civil. A autora ressalta, assim, o caráter gendrado dessa nova diáspora. Para ela, a presença da mulher tanto nos movimentos migratórios quanto nas narrativas diaspóricas cria novas significações aos contatos culturais, em um diálogo constante com as questões de raça, etnia e classe.

Heloísa Buarque de Hollanda (2005, s/p) também compartilha da mesma visão que a autora indiana ao analisar a mulher contemporânea como sujeito participativo da sociedade, cuja intervenção no social gera novos significados para os contactos culturais e, por sua vez, redireciona a análise do sujeito feminino e de seus lugares de enunciação: “[...] pensar gênero nesse novo contexto é ainda um horizonte enigmático porque passa

necessariamente pelos problemas que o multiculturalismo e a globalização acabam de nos colocar”. Ambas as estudiosas veem a mulher contemporânea como sujeito participativo da sociedade, seja por meio do trabalho ou de outro tipo de prática social e política. Dessa forma, os estudos de gênero e a produção literária de autoria feminina contemporânea abarcam as novas contingências políticas, culturais e geopolíticas de um mundo global e cosmopolita no qual a diáspora, a desterritorialização e reterritorialização, o entre-lugar e o hibridismo cultural são marcas predominantes.

Essas personagens diaspóricas femininas, de identidades traduzidas, obrigadas a renegociarem suas identidades e subjetividades em contextos multiétnicos e multiculturais estão presentes nos contos do primeiro livro de Stahl, *Catástrofes naturales* (1997). A obra consta de 26 contos divididos em três partes: “*Exótica*”, “*La isla de los Pinos*” e “*Catástrofes naturales*”. A primeira parte é composta de 03 contos, cujos temas giram em torno da integração das mulheres diaspóricas japonesas nos Estados Unidos e os problemas que “*es el encuentro entre las culturas como encrucijada o dilema*” (STAHL, 2006, p. 78). A segunda, “*La isla de los Pinos*”, possui 05 contos ambientados em um espaço com o mesmo nome e são narrados em primeira pessoa por uma menina de aproximadamente 10 ou 11 anos, de ascendência oriental. A terceira parte, “*Catástrofes naturales*”, que dá nome ao livro, é a maior, composta de 18 contos, com temas diversos e ambientados nas cidades cosmopolitas, entre elas a que vive e viveu a autora: Buenos Aires e Nova Orleans. Em alguns contos dessa parte, Stahl retorna ao tema da integração das mulheres orientais diaspóricas à cultura ocidental estadunidense e aos problemas identitários que acarretam a formação de famílias multiétnicas. Nossa análise, como já mencionamos anteriormente, se detém somente nos três contos presentes na primeira parte dessa obra, “*Exótica*”.

### “EXÓTICA”

A primeira parte do livro *Catastrófes naturales* (1997), “*Exótica*” está composta de três contos – “*Exótica*”, “*Catástrofes naturales*” e “*Hiroko*” – que nos permite analisar os deslocamentos geográficos e sociais sofridos pelos personagens femininos e relacioná-los com o conceito de identidade para revelar como esses processos de migração modificam e redefinem o sujeito, em especial, o feminino. Nesses contos, a escritora abarca a estrangeiridade da personagem feminina diaspórica, principalmente a japonesa que se translada para viver nos Estados Unidos, depois de casamentos com soldados americanos que lutaram no Japão na segunda Guerra Mundial.



Os espaços dos contos – o trem em “*Exótica*”, o supermercado e o abrigo em “*Catástrofes naturales*” e o restaurante de “*Hiroko*” - situam-se nos não lugares, espaços em que o sujeito não possui nenhuma relação e, portanto, não se reconhece. Por tal motivo, esses espaços são diametralmente opostos ao lar, à residência. Na contemporaneidade, Marc Augé (2007, 73) caracteriza o não lugar como o “... espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico”. São espaços da transitoriedade que não personalizam e nem contribuem para formar a identidade, porque perderam seu caráter histórico, relacional e identitário para transformarem-se somente em lugares de passagem.

Nos contos, esses espaços fazem com que os encontros entre os personagens oriundos da cultura oriental com os personagens da cultura ocidental, ainda que sejam mãe e filha ou marido e mulher, transformem-se em encontros entre estranhos, sem qualquer interação entre eles: “O encontro de estanhos é [...] uma história para ‘não ser continuada’, uma oportunidade única a ser consumada enquanto dure e no ato, sem adiamento e sem deixar questões inacabadas para outra ocasião” (BAUMAN, 2003, p. 111). (Grifos do autor). O sentimento gerado por esses encontros é o da incompreensão das diferenças entre as duas culturas. O sujeito ocidental tenta apagar os traços identitários do oriental e homogeneizar suas diferenças, forçando a adaptação da mulher japonesa aos padrões da cultura dominante – a ocidental. Por tal motivo, o relacionamento estabelecido entre as personagens dos contos é superficial. Não há o que compartilhar, pois uma não “compreende” a outra. Como se os encontros fossem histórias impossibilitadas de serem continuadas, mas oportunidades que devem ser aproveitadas no momento específico do encontro:

*“¿tú lo quieres ver?”, y de mala gana se lo entregó. “Pero siguió de repente, volviendo a tomar el artículo ¿puedes leerlo? ¿Puedes entenderlo, querida?” Giró de nuevo, esta vez hacia Bobby, el chiflon abultado en su cuello formó una enorme nube rosa, y preguntó en voz muy alta: “¡Bobby! ¡Hijo! ¿Puede leer inglés ya?... ¡Ey! ¡Bobby!... ¡Bobby!” (STAHL, 1997, p. 78).*

Os não lugares nas narrativas contribuem para problematizar as diferenças socioculturais entre o sujeito feminino oriental e o ocidental, abrangendo a incompreensão marcada pela não identificação das diferenças em um contexto multicultural e multiétnico, como afirma Stahl:

*[...] historias de tres mujeres que cruzaron de un mundo a otro y que tuvieron que luchar por no perder su lugar, su definición, su identidad. Basados en las vidas reales de mujeres japonesas que fueron a vivir en*

*América del Norte, esos casos me parecían ilustrativos de aspectos específicos de la problemática que surge al ir de un origen oriental a un nuevo contexto occidental. Abandonar el mundo propio y trasladarse a otro ajeno siempre significa un desafío profundo. Con el cambio geográfico y cultural, las anteriores coordenadas de la identidad desaparecen. Se arriesga el eje mismo de la manera de ser y elegir el camino (STAHL, 2006, p. 78).*

Podemos afirmar que o título do primeiro conto, “Exótica”, resume a marca que essas mulheres adquirem e levam sobre si nos Estados Unidos pelo simples fato de pertencerem a uma cultura considerada “diferente” do modelo hegemônico ocidental. Para Lattanzi (2013, p. 162), esses *cuentos* apontam para “[...] una fuerte crítica al comportamiento que muchos estadounidenses tienen ante la diversidad, pasando del racismo a la fascinación por lo extranjero, donde la mujer occidental queda reducida a un simple objeto exótico”. A dicotomia entre nós–ocidentais e elas– estrangeiras–e–orientais é uma das oposições mais marcadas nas narrativas. Está associada a uma concepção de vida no mundo ocidental-principalmente nos Estados Unidos – que se vê como hegemônica – a supremacia cultural – e classifica como “exótica” o que é diferente, como podemos perceber na fala da filha americana sobre a mãe japonesa, no conto “Catástrofes naturales”:

*Ella se inclinó y comenzó a mirar los objetos desparramados en el piso y las estanterías. Yo no sabía lo que hacía pero me parecía una de sus cosas de extranjera. Mi madre no tenía la menor idea de qué significaba vivir aquí en los Estados Unidos; seguía comportándose como si estuviera en Japón. Hablaba en japonés, incluso en lugares públicos. Se sorprendía siempre cuando sonaba el teléfono. Guardaba todo, hasta los trozos de papel absorbente para secarlos y volver a usarlos. Uno podría pensar que, después de once años en un lugar, ella habría captado por lo menos una o dos cosas básicas (STAHL, 1997, p. 28-9).*

As narrativas se centram principalmente na incompreensão da estrangeiridade das mulheres japonesas pelos seus companheiros ou pelas mulheres americanas. O conto “Hiroko” ressalta as relações entre o feminino e o masculino, enquanto os contos “Exótica” e “Catástrofes naturales” destacam tanto as diferenças existentes dentro do próprio gênero feminino quanto as existentes entre os dois gêneros:

*[El marido] Giró hacia ella y, sonriendo tímidamente, repitió: “Me quedé dormido”, pero con tono infantil. Después, parpadeando con sus ojos celestes mientras la miraba, introdujo sus dedos bajo la tela de su pollera y acarició la piel de su muslo; su expresión pasó de la timidez a la picardía. Ella le devolvió una sonrisa, calma y un poco fría. Era una manera japonesa*

*de hacer un comentario sin hablar, pero esa sutileza se desperdiciaba en él, que no la entendía* (STAHL, 1997, p. 05, “Exótica”). (Grifo nosso.).

Dessa forma, os contos relacionam a questão do gênero com as questões oriundas dos deslocamentos culturais e de identidade sofridos pelos sujeitos femininos. Por meio de tais deslocamentos, as narrativas questionam a noção de essência cultural e destacam que entre as mulheres orientales e as occidentales não se estabelecem uma relação em que existam “*los encuentros dialógicos de las diferencias*” (SHOHAT, 2004, p. 26). As personagens femininas diaspóricas compreendem que, em solo americano, intensificam-se as diferenças culturais que as distanciam tanto de seus maridos quanto das demais mulheres americanas. As japonesas se conscientizam da impossibilidade de comunicação entre elas e as ocidentais, pois nesse país serão sempre consideradas exóticas, como destaca o título do jornal que anuncia a volta do soldado à cidade com sua esposa japonesa, no conto “Exótica”: “*El título era un desfile de letras gruesas, mal alineadas, que anunciaban: “MUCHACHO DEL PUEBLO VUELVE CON EXÓTICA NOVIA EXTRANJERA*” (STAHL, 1997, p. 16). (Grifo da autora).

Os conflitos de identidade provenientes dos deslocamentos e dos (des) encontros interculturais e a conseqüente não aceitação de tais diferenças acabam por mudar o sujeito feminino. Nas narrativas essas mudanças se percebem em dois momentos diferentes. O primeiro, na chegada ao país extranjero, em que a mujer japonesa rejeita as marcas de sua cultura original e tenta assimilar a cultura americana, como ocorre com a personagem Yoshiko, do conto “Exótica”: “*Su nuevo nombre, que era tan maravillosamente, tan poderosamente nuevo que había podido eclipsar a ese “Yoshiko Furusato” que ella misma había abandonado, tan simplemente como había abandonado su virginidad y su nacionalidad japonesa*” (STAHL, 1997, p. 04). Nesse mesmo conto, percebe-se que o lugar de chegada é visto pelas personagens migrantes como o lugar idealizado, onde a vida será perfeita e sem contradições ou problema. É um lugar imaginário, utópico, como indica o próprio nome da cidade para a qual se desloca Yoshiko, Arcadia: “*Válido para viajar desde: Los Ángeles, California, a: Arcadia, Louisiana*”. “*Arcadia, Louisiana*”, se repetía a sí misma: “*Arcadia*” (STAHL, 1997, p. 4). O segundo momento é o que percebem que não são aceitas por essa cultura ocidental ou não se adaptam a ela, pois os “estadunidenses” não as veem com indivíduos, mas insistem em agrupá-las segundo as suas etnias. Nesse momento, conscientizam-se das diferenças entre as duas culturas e percebem a impossibilidade de um encontro harmonioso entre elas, motivo pelo qual aceitam viver no entre-lugar gerado pelos contatos espaciais e multiculturais entre elas próprias e o Outro:

*Cuando la madre de Dean hizo comentarios maliciosos a espaldas de Hiroko acerca de sus modales presumiblemente “japoneses”, ella le aclaró a Dean: “Ningún japonés come de esta manera. Ésta es mi manera de comer macarrones con queso. ¡Mía!”, repitió, “¡Mía solamente!... Tu madre no sabe nada.” Y Hiroko había continuado comiendo macarrones con queso de esa forma (STAHL, 1997, p. 47).*

Nos contos de Stahl, as personagens (tais qual a própria autora) são mulheres desenraizadas que necessitam estabelecer um lugar próprio dentro do espaço alheio. Em um processo que as obrigam a negociar constantemente suas subjetividades, a partir das frestas existentes entre as duas culturas com as quais convivem, e a encontrarem o seu lugar nesse espaço social: “[...] *en un espacio de movimiento constante y de ruidos confusos, un espacio inestable en el que la presencia y la flexibilidad son las virtudes, y no la auto-definición de una vez y por siempre*” (STAHL, 2006, p. 79). Assim, se em primeiro momento, as personagens dos contos pensam em assimilarem a cultura estadunidense; em um momento posterior, conscientizam-se de que não podem “apagar” suas raízes culturais e não mais menosprezam suas origens. Percebem que no país de chegada a única possibilidade é a de negociação. Já não são mais as mulheres que chegaram ao país, pois os contatos entre a cultura do país de origem e a do país de chegada desconstroem as identidades homogeneizantes pré-estabelecidas para elas e geram uma nova formação identitário-cultural que se caracteriza por ser hifenizada, traduzida, própria dos sujeitos que cruzaram as fronteiras territoriais, ideológicas e linguísticas. Identidade que implica uma nova relação do sujeito migrante com o espaço em que se encontra, no qual aprende a negociar com as culturas e a operar em um código plural, consciente de sua hibridez cultural e das heterogeneidades presentes em seu ser. Essa identidade é característica dos sujeitos descentrados e moventes das sociedades contemporâneas, como a autora e as personagens de seus contos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Mulheres tão diferentes que éramos: a escritora contemporânea e as narrativas cosmopolitas na aldeia global. In: DALCASTAGNÉ, Regina; Leal, Virginia M. Vasconcelos. *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2010, pp. 12-22.

AUGÉ, Marc. Dos lugares aos lugares. In: \_\_\_\_\_. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lucia Pereira. 7 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007, pp. 71-105.

BAUMAN, Zygmunt. Espaço/Tempo. In: \_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, pp. 107 – 47.

BERND, Zilá. Colocando em xeque o conceito de literatura nacional. In: CARRIZO, Silvina Liliana; NORONHA, Jovita M Gerheim (Orgs.). *Relações literárias interamericanas: território & cultura*. Juiz de Fora, MG: Ed. UFJF, 2010, pp. 13-22.

CANCLINI, Néstor GARCÍA. Los muchos modos de ser extranjeros. In: \_\_\_\_\_. *Extranjeros en la tecnología y en la cultura*. Buenos Aires: Ariel, 2009, pp. 1-12.

CASTELLS, Manuel. A construção da identidade. In: \_\_\_\_\_. *O poder da identidade*. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, pp. 22-8.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil plátos: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, v. 1.

FEMENÍAS, María Luisa. *El género del multiculturalismo*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Os estudos de gênero e a mágica da globalização. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHENIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005, pp. 13-20.

LATTANZI, Stefano. Anna Kazumi Stahl: el mundo hispanoamericano en los relatos de una autora transnacional. *Revista Les Ateliers du SAL* 3, Paris, Université Paris Sorbonne, 2013, pp. 158-172.

PORTO, Maria Bernadette; TORRES, Sonia. Literaturas migrantes. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2005, pp. 225 - 60.

SHOHAT, Ella. Estudos de área, estudos de gênero e as cartografias do conhecimento. In: COSTA, Claudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira (orgs.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004. pp. 19-30.

STAHL, Anna Kazumi. *Catástrofes naturales*. Buenos Aires: Sudamericana, 1997.

\_\_\_\_\_. Mujeres que viven en (o entre) dos mundos: Oriente y Occidente. In: PONSOWY, Mori (Ed.); LAMBRE, Tomás (Coord.). *No somos perfectas*. Buenos Aires: Del Nuevo Extremo, 2006, pp. 75-92.

TORO, Fernando de. El desplazamiento de la literatura, la literatura del desplazamiento y la problemática de la identidad. *Extravío*. Revista electrónica de literatura comparada, Universitat de València, n. 5, 2010. Disponível em: <http://www.uv.es/extravio>. Acesso em: 05/08/2012.

---

Recebido em: 09/11/2016.

Aceito em: 12/12/2016.